

Arqueóloga é a favor do turismo ecológico

Temos uma história relativamente curta (menos de cinco séculos), alguns monumentos dos séculos XVI, XVII e XVIII que se mantêm com boas características, sem esquecer, evidentemente, a nossa pré-história. Como proceder então para explorar melhor o potencial que se tem à disposição?

A pergunta é respondida pela arqueóloga Veleda Lucena, que, com Marcos Albuquerque, da UFPE, vem desenvolvendo pesquisas arqueológicas no Nordeste, notadamente em Pernambuco.

Veleda mostra que a sociedade em nível de Estado antigo, como por exemplo, no Império Inca, ou na Grécia ou Egito, os monumentos em pedra descobertos através de escavações até hoje atraem a curiosidade dos visitantes. Porém, a construção do nosso homem pré-histórico, do índio brasileiro, era geralmente em madeira e o que restou visível à curiosidade do turista de um modo geral, são as pinturas e gravuras deixadas na pedra. "É nisso o Nordeste é particularmente rico. Encontramos referências em Vitória até o Sertão", comentou ela, acrescentando que em Buíque os paredões das cavernas são cobertos de pinturas chamadas rupestres, geralmente feitas com tintas vermelha, branca e preta ou riscada (gravadas) na pedra.

O excesso de divulgação poderá comprometer esses recursos, segundo a arqueóloga como aconteceu na Pedra do Ingá, na Paraíba, que hoje está totalmente mutilada com nomes e corações. Seria preciso, em primeiro lugar, desenvolver uma intensa campanha sobre a necessidade de preservação do meio ambiente, de conservação para as próximas gerações.

Ela cita entre os principais sítios arqueológicos de Pernambuco já mapeados a Pedra da Lua, em Fazenda Nova e outras de Gravatá, Brejo da Madre de Deus, Catimbau, Pedra. E chega a defender a realização de um outro tipo de turismo, organizado para se conhecer não apenas uma zona fisiográfica pouco explorada, seja no litoral ou na caatinga, mas para caminhadas, com guias locais, contribuindo assim para a interiorização do turismo e diversificação dos locais visitados. "O Nordeste não é apenas litoral. Há aspectos peculiares a outras regiões bastante interessantes, que poderão ser explorados com segurança desde que se assumam uma atitude política de orientação nesse sentido".

O risco

Veleda recorda que em 1970 as escavações realizadas no Forte Orange, em Itamaracá, foram divulgadas pela imprensa

e isso atraiu a visita de 1.200 pessoas/dia, que foram motivadas a oferecer donativos necessários à restauração do forte, trabalho este que foi orientado pelo Patrimônio Histórico e o Laboratório de Arqueologia da UFPE e realizado pela Polícia Militar de Pernambuco.

— Hoje, este monumento — comentou ela — sofre dois processos sérios de depredação. O primeiro provocado pelo mar no encontro com o Canal de Santa Cruz, e que está solapando as muralhas. O segundo aspecto a considerar diz respeito à areia arrastada pelo vento e que se vem acumulando internamente. "Solapado pelo lado de fora e empurrado pelo lado de dentro, o forte está seriamente ameaçado de desmoronamento".

Veleda entende que o trabalho de preservação no Forte Orange deve ser permanente, compreendendo a remoção da areia e a criação de algum tipo de defesa. Nenhum litoral é estável, disse ela, está sempre a sofrer modificações, principalmente numa área que foi povoada muito depressa — e a cada modificação a natureza reage.

Outra observação da arqueóloga quanto à exploração do turismo naquela área é de que essa atividade se restringe aquele ponto até a Coroa do Avião (uma ilha em frente ao Forte), enquanto áreas de grande potencial turístico como Atapus, Itapissuma, Barra dos Marcos, que oferecem passeios lindos, permanecem esquecidas, quando poderiam ser feitos agradáveis passeios nos rios Botafogo e Catuama, local já descoberto pelas gaivotas. "Seria um turismo não apenas da bebida e do banho de mar, mas de reconhecimento da natureza", frisou ela.

Importância

Segundo a arqueóloga, do ponto de vista histórico, esse local é muito importante. A primeira fixação portuguesa em Pernambuco ocorreu justamente no chamado Barra dos Marcos, que fica no continente, justamente na parte Sul de Itamaracá, à margem do Canal de S. Cruz. Nesse local foi construída a primeira feitoria da Capitania de Pernambuco, a de Cristovão Jacques, para embarque do Pau-brasil e como defesa para evitar o comércio dos piratas franceses com os índios.

Próximo ao Forte — lembra Veleda —, houve um reduto francês e junto à Feitoria, o Reduto dos Marcos, que era um fortim com muita atuação na guerra holandesa. Nesse local foram desenvolvidas escavações na década de 60 por Marcos Albuquerque e descobertos os restos dos alicerces da Feitoria e do Reduto dos Marcos.